

## A NEGLIGÊNCIA NA PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM MULHERES QUE SE RELACIONAM COM MULHERES

Neglect in preventing sexually transmitted infections in women who have sex with women



ISSN: 2178-7514

Vol. 16 | Nº. 1 | Ano 2024

Luana Teles Mescouto<sup>1</sup>; Amanda de Souza Pantoja<sup>1</sup>; Gabriela Calderaro Ricciardi e Silva<sup>1</sup>;  
 Jouzemayra Ariany Silveira da Silva<sup>1</sup>; Bianca Luzia Cavalcante do Couto<sup>1</sup>;  
 Natália do Nascimento Ferreira<sup>1</sup>; Eugênia Suely Belém de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

**Introdução:** O Brasil é um dos líderes mundiais de violência contra minorias sexuais. A qual se estende ao desconhecimento sobre demandas e dificuldades de acesso aos serviços de saúde torna a mulher que se relaciona com mulher (MSM) - lésbicas, mulheres bissexuais, homens transsexuais e outros - invisíveis e contribui tanto para a vulnerabilidade, quanto dificulta o desenvolvimento de políticas públicas que contemple-as. **Objetivos:** Realizar uma revisão integrativa da literatura a respeito do reflexo de estigmas sociais na saúde frente a mulheres que se relacionam com mulheres na prevenção de IST's. **Métodos:** Os dados foram coletados mediante revisão da literatura utilizando como base artigos levantados que tratassem de pelo menos um assunto através do: Google Acadêmico, PubMed e LILACS. Para realização desta revisão bibliográfica foram coletados dados de um total de 15 artigos científicos, 2 livros e 1 site. Como critérios de inclusão foram estabelecidos artigos originais e de revisão que mencionaram o tema e publicados utilizando os descritores: ATENÇÃO BÁSICA; HOMOSSEXUALIDADE FEMININA; IST; MINORIA SEXUAL, nos respectivos idiomas: Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola. Como critério de exclusão foi estabelecido artigos repetitivos nas bases de dados, que não estavam na delimitação temática, adotando-se a temporariedade de 2018 a 2023. **Resultados:** Os dados coletados apontam como principais causas dessa população não procurar serviços de saúde: a discriminação no atendimento; o despreparo dos profissionais para lidar com as especificidades desse grupo; a negação do risco para doenças ginecológicas, deixando-as vulneráveis as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's). Pesquisas indicam que a maioria desta população tem conhecimento sobre a possibilidade de contágio por IST's ou já contraíram, mas, quando, utilizam métodos de prevenção, esses foram adaptados para tais situações, desde camisinhas com o corte do anel, até o uso de plástico filme para a prática de sexo oral, no entanto, muitas os consideram desconfortáveis, então preferem se submeter ao risco. **Conclusão:** Diante desses resultados, conclui-se que o preconceito afeta ambos os lados da relação médico-paciente. O médico que tem o conhecimento dos riscos ligados aos hábitos sexuais de seus pacientes com vulvas, que deve atender sem julgamentos, esclarecendo a paciente da existência dos métodos adequados de prevenção de IST 's com o intuito de que mulheres que amam mulheres, a fim de se protegerem sem ou apesar do desconforto.

**Palavras-chave:** atenção básica; homossexualidade feminina; infecções sexualmente transmissíveis.

## ABSTRACT

**Introduction:** Brazil is one of the world leaders in violence against sexual minorities. Which extends to the lack of knowledge about demands and difficulties in accessing health services, makes women who relate to women (MSM) - lesbians, bisexual women, transsexual men and others - invisible and contributes both to vulnerability and to the development of public policies that address them. **Objectives:** To carry out an integrative literature review regarding the reflection of social stigmas in the health of women who have relationships with women in the prevention of STIs. **Methods:** Data were collected through a literature review using as a basis articles raised that dealt with at least one subject through: Google Scholar, PubMed and LILACS. To carry out this bibliographic review, data were collected from a total of 15 scientific articles, 2 books and 1 website. As inclusion criteria, original and review articles were established that mentioned the theme and published using the descriptors: BASIC ATTENTION; FEMALE HOMOSEXUALITY; IST; SEXUAL MINORITY, in the respective languages: Portuguese, English and Spanish. As an exclusion criterion, repetitive articles were established in the databases, which were not in the thematic delimitation, adopting the temporary period from 2018 to 2023. **Results:** The collected data point to the main causes of this population not seeking health services: discrimination in the service; the unpreparedness of professionals to deal with the specificities of this group; the denial of risk for gynecological diseases, leaving her vulnerable to Sexually Transmitted Infections (STIs). Researches indicate that the majority of this population is aware of the possibility of contagion by STIs, but, when using prevention methods, these were adapted for such situations, from condoms with the ring cut, to the use of plastic film, however, many find them uncomfortable, so they prefer to submit to risk. **Conclusion:** Given these results, it is noted that prejudice affects both sides of the doctor-patient relationship. The doctor who must attend without judgment, clarifying the patient about the existence of adequate methods of preventing STIs with the intention that women who love women, in order to protect themselves without or despite the discomfort.

**Keywords:** basic care; female homosexuality; sexually transmitted infections.

1- Acadêmica de Medicina. Centro universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)-Belém-PA

2- Psicóloga. Docente. Centro universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)-Belém-PA

## Autor de correspondência

Natália do Nascimento Ferreira - natalia\_ferreira09@hotmail.com

DOI: [10.36692/V16N1-34R](https://doi.org/10.36692/V16N1-34R)

## INTRODUÇÃO

A sexualidade é um componente inerente e complexo da identidade individual que traz inferências na saúde física, mental, devido ao feedback social de uma pessoa, afetando então sua qualidade de vida. A expressão ou identidade diversa não é intrinsecamente um determinante para agravos de saúde, mas sim às respostas sociais a elas. Segundo Ciasca, Hercowitz, Lopes (2021, p 84): “Compreende-se, assim, que o processo de estigmatização, discriminação e patologização voltados às orientações sexuais e identidade de gênero dissidentes dos padrões cis e heteronormativo configuram como os principais determinantes dos agravos à saúde LGBTQIAPN+”. A autodepreciação advinda da LGBTQIAPN+fobia internalizada pode fazer com que a pessoa sofra de ansiedade, depressão, uso abusivo de substâncias e certos medicamentos podem afetar todo o limiar natural do indivíduo. Bem como a ausência ou inadequação de informações sobre sexualidade, expectativas em relação à performance, falta de atenção em relação ao próprio e ou da parceira, crenças e atitudes mal adaptativas, baixa autoestima, autoimagem corporal negativa, emoções negativas em relação à sexualidade, falta de intimidade, experiências traumáticas e outros são fatores que interferem negativamente na qualidade de vida e na satisfação sexual do gênero e afetividade, como essas variáveis se interagem entre si e com o externo, requer uma

visão ampliada que inclua aspectos psicossociais, relacionais e clínicos, reconhecendo que estresse de minoria pode afetar a saúde e o surgimento e ou manutenção de queixas na população LGBTQIAPN+. Ela deve ser singular, portanto, perguntas sobre identidade de gênero, orientação sexual e parcerias são fundamentais. Havendo um esclarecimento mais aberto sobre mitos, direitos sexuais e reprodutivos oferecidos em linguagem apropriada ao contexto cultural. <sup>1</sup>

Em meio a este contexto, o Brasil é um dos líderes mundiais de violência contra as minorias sexuais. Em uma pesquisa realizada por Pinto et al (2020) sobre o perfil da violência contra LGBTQIA+ entre 2015 e 2017, mostrou o registro de 24.564 notificações, intermédio dados do SINAN, sendo 53,4% contra homossexuais e bissexuais, além de 46,6% contra transexuais e travestis, de modo que a violência física foi a mais recorrente com 18.424 casos e 7.037 de violência psicológica. <sup>2</sup>

O contexto de violência se estende aos serviços de saúde, desde microviolências até violência física, sendo mais notável a negligência nos atendimentos aos usuários. Como pontuado em pesquisa realizada por de Araújo et. al. (2019), os profissionais da enfermagem e da medicina costumam ter uma entrevista heteronormativa e voltam seu atendimento às demandas sexuais de seus usuários LGBTQIAP+ quando esses apresentam aparência estereotipada ou de “pistas verbais/não verbais”, em especial, no caso de pessoas com vulva. Esse comportamento

diminui a procura desse público nas unidades básicas de saúde, reforçando o pensamento de que as mulheres que fazem sexo com mulheres (WSW) - lésbicas, mulheres bissexuais, homens transsexuais, etc- a falsa sensação de segurança total contra Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's).<sup>3</sup>

### **Dentre as principais**

#### **Objetivo**

Realizar uma revisão integrativa da literatura a respeito do reflexo de estigmas sociais na saúde frente a mulheres que se relacionam com mulheres na prevenção de IST's.

### **MÉTODOS**

Os dados foram coletados mediante revisão da literatura utilizando como base artigos levantados que tratassem de pelo menos um assunto através do: Medline, PUBMed e LILACS. Para realização desta revisão bibliográfica foram coletados dados de um total de 9 artigos científicos e 1 livro. Como critérios de inclusão foram estabelecidos artigos originais e de revisão que mencionaram o tema e publicados utilizando os descritores: (homossexualidade feminina) AND (atenção primária) AND (infecções sexualmente transmissíveis), nos respectivos idiomas: Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola. Como critério de exclusão foi estabelecido artigos repetitivos nas bases de dados, que não estavam na delimitação temática, adotando-se a temporariedade de 2019 a 2024.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para realização desta revisão bibliográfica foram coletados dados de um total de 8 artigos científicos e 1 livro, seguindo os critérios acima citados

Apontados por de Araújo (2019) como principais causas da população feminina não-heteronormativa, em especial mulheres lésbicas, não procurar serviços de saúde são:

1. a negação do risco para doenças ginecológicas;
2. a discriminação no atendimento;
3. o despreparo dos profissionais para lidar com as especificidades desse grupo; Tais pontos contribuem para a vulnerabilidade dessa população a doenças.<sup>3</sup>

Segundo pesquisa realizada por Lima (2020) é possível notar nesse público o pensamento de maior vulnerabilidade associada à presença masculina na relação, ficando subjacente nos discursos que o relacionamento apenas entre mulheres poderia ser um fator de vulnerabilidade em decorrência da existência da crença de gênero socialmente construída em que mulheres seriam naturalmente mais cuidadosas e responsáveis com sua saúde e, conseqüentemente, se comparadas aos homens, os quais são considerados negligentes em suas relações, assim, apresentando maior risco de transmitirem IST's.<sup>4</sup>

No entanto, essa ideia pode apresentar um risco para uma maior disseminação de IST's pesquisa realizada por Cavalcante (2022) 71% das pessoas entrevistadas relataram possuir parceria fixa, entretanto, 21% relatou que anteriormente apresentou relação com múltiplos parceiros e mais aproximadamente 86% da mesma população apresenta preferência pela realização de práticas sexuais de: manipulação genital (98%), das quais apenas aproximadamente 5% usam método de barreira durante o ato; sexo oral (96%), das quais 95% não utilizam qualquer método de barreira; e/ou uso de objetos para penetração (51,5%) das quais 70% não utilizam preservativo ou método de barreira nos objetos.<sup>6</sup>

Contradizendo de Araújo e Lima, trabalho realizado por Cavalcante (2022) demonstrou que a partir de entrevistas (96,1%) possuem conhecimento sobre o risco desse contágio. Apesar disso, mais da metade (51%) contraíram alguma IST e 4% não se lembravam. Demonstrando assim a vulnerabilidade desta população.<sup>3,4,5,6</sup>

Quanto aos métodos de prevenção, muitas pacientes relatam desconforto com o uso dos métodos por considerarem “gambiarras” e não haver produção de métodos de prevenção apropriados a esse público, pois os que existem foram adaptados para tais situações, como: camisinhas femininas ou masculinas com o corte do anel, até o uso de plástico filme para a prática de sexo oral; muitas os consideram desconfortáveis, então preferem se submeter ao risco, sendo necessário orientação adequada de profissionais da

saúde e desenvolvimento de mais cartilhas como as desenvolvidas por SARTOR em 2019.<sup>7</sup>

No entanto pesquisa realizada por Takemoto (2019) , não conseguiu agrupar uma prevalência ou incidência relatados para ISTs ou Vaginose Bacteriana (BV), além de verrugas genitais/papilomavírus humano (HPV), infecção por Trichomonas (TV), genitais herpes (HSV2), infecção por Chlamydia (CT), gonorréia, sífilis e teste de HIV positivo. Assim como pesquisa sobre o risco de contração de HPV e desenvolvimento de neoplasia de colo de útero desenvolvida por Piróg.<sup>8,9</sup>

Em trabalho desenvolvido por Gomes e Tesser Junior, em 2022, os pesquisadores abordaram o despreparo e a discriminação no atendimento por médicos de família e comunidade, tanto pertencentes a comunidade LGBTQIAPN+, quanto os que se intitulam heterossexuais cisgenero, admitiram não ter tido abordagem a gênero e sexualidade na grade curricular durante a formação. Tal fato, segundo relatos, resultou na reprodução de comportamentos discriminatórios, mesmo que não intencionais, tais como o uso de anticoncepcionais para mulheres que faziam sexo com mulheres. Apesar disso, há uma unanimidade entre os entrevistados sobre a importância da discussão sobre a saúde das minorias sexuais no ambiente acadêmico, para uma melhor abordagem em saúde dos mesmos, pois muito do que fora aprendido quanto a essa temática, foi em temas extracurriculares.<sup>10</sup>

## CONCLUSÃO

Diante desses resultados, conclui-se que o preconceito afeta ambos os lados da relação médico-paciente. O médico que tem o conhecimento dos riscos ligados aos hábitos sexuais de seus pacientes com vulvas, que deve atender sem julgamentos, esclarecendo a paciente da existência dos métodos adequados de prevenção de IST 's com o intuito de que mulheres que amam mulheres, a fim de se protegerem sem ou apesar do desconforto.

## REFERÊNCIAS

1. Saulo Vito Ciasca, Hercowitz A, Ademir Lopes Junior. Saúde LGBTQIA+ : práticas de cuidado transdisciplinar. São Paulo: Manole; 2021
2. Pinto IV, Andrade SS de A, Rodrigues LL, Santos MAS, Marinho MMA, Benício LA, et al.. Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. Rev bras epidemiol [Internet]. 2020;23:e200006.SUPL.1. Available from: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1>
3. de Araujo LM, Penna LHG, Carinhanha JI, Costa CMA. O cuidado às mulheres lésbicas no campo da saúde sexual e reprodutiva [The care to lesbian women in the field of sexual and reproductive health] [El cuidado de las mujeres lesbianas en el campo de la salud sexual y reproductiva]. Rev. enferm. UERJ [Internet]. 21º de maio de 2019 [citado 18º de março de 2024];27:e34262. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/34262>.
4. Whitlock, M. (2021). 'I never realised that sex between two women was not safe': narratives of lesbian safer sex. Culture, Health & Sexuality. 24. 1-12. 10.1080/13691058.2020.1855367.
5. Lima MAS de, Saldanha AAW. (In)visibilidade Lésbica na Saúde: Análise de Fatores de Vulnerabilidade no Cuidado em Saúde Sexual de Lésbicas. Psicol cienc prof [Internet]. 2020;40:e202845. Available from: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003202845>
6. Cavalcante DR, Ribeiro SG, Pinheiro AKB, Soares PRAL, Aquino PS, Chaves AFL. Sexual practices of women who have sex with women and condom use. Rev Rene. 2022;23:e71297. DOI: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20222371297> Conflito de interesse: os autores declararam que não há conflito de interesse.
7. SARTOR, N. C. Velcro Seguro: o guia de saúde sexual para mulheres lésbicas e bissexuais com vulva. 2019. 78 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019
8. Takemoto MLS, Menezes M de O, Polido CBA, Santos D de S, Leonello VM, Magalhães CG, et al.. Prevalence of sexually transmitted infections and bacterial vaginosis among lesbian women: systematic review and recommendations to improve care. Cad Saúde Pública [Internet]. 2019;35(3):e00118118. Available from: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00118118>
9. Piróg M, Grabski B, Jach R, et al. Human Papillomavirus Infection: Knowledge, Risk Perceptions and Behaviors among SMW and AFAB. Diagnostics (Basel). 2022;12(4):843. Published 2022 Mar 29. doi:10.3390/diagnostics12040843
10. Gomes JAS, Tesser Junior ZC. Experiências de médicos de família e comunidade no cuidado com a saúde de pacientes LGBT. Rev Bras Med Fam Comunidade. 2022;17(44):2407. [https://doi.org/10.5712/rbmf17\(44\)2407www.rbmf.org.brISSN 2197-7994](https://doi.org/10.5712/rbmf17(44)2407www.rbmf.org.brISSN 2197-7994)

**Observação:** os/(as) autores/(as) declaram não existir conflitos de interesses de qualquer natureza.